



Questões relativas à transmissão da psicanálise hoje¹”

Teresa Lartigue

Asociación Psicoanalítica Mexicana

Até alguns anos atrás na América Latina, a psicanálise, ou melhor, a profissão de psicanalista, não precisava de qualquer outro endosso, exceto a certificação da Sociedade Psicanalítica do país, reconhecida pela Associação Psicanalítica Internacional. Contudo, já algum tempo que os psicanalistas se ressentem do fato de tais reconhecimentos não serem válidos para as instituições de ensino superior, tais como universidades e Departamentos de Educação Pública. Neste sentido, os psicanalistas poderiam ficar numa situação de vulnerabilidade na hora de pretender ensinar seminários ou cátedras nas universidades, dado que estas últimas só reconhecem a preparação adequada para estes fins àqueles que ostentam títulos de mestrados ou doutorado, e de preferência aqueles que pertencem ao Sistema Nacional de Pesquisadores ou equivalente.

Por outro lado, tais créditos poderiam ser vistos plenamente justificados em pessoas que fizeram estudos psicanalíticos, o que de fato equivale a ter estudado doutorados em qualquer universidade. O problema que se enfrenta tem muito mais a ver com questões de acreditação oficial, do que com questões acadêmicas. Daí a necessidade cada vez mais condecorado de regularizar a formação psicanalítica e torná-la equivalente a um crédito universitário de doutorado.

Apesar das considerações anteriores, pensamos que há critérios desde os quais se podem questionar as considerações anteriores, desde a perspectiva de que a acreditação universitária poria em risco aspectos tão importantes da formação psicanalítica como a análise didática, e por vezes as mesmas supervisões. No entanto, sustentamos que seria possível conciliar a formação universitária com o quesito inevitável da análise de quem deseja dedicar-se à tarefa psicanalítica e, portanto, a possibilidade de aceder ao

¹ Comunicação a comentar no Painel "Fronteiras na formação: os institutos, as sociedades psicanalíticas e as universidades. Transmissão", juntamente com Ma. Cristina Fulco, Rodolfo Moguillansky e MotyBenyakar, no 33º Congresso Latino-Americano da FEPAL, sexta-feira, 23 de Outubro de 2020.
Traducción André Moreira Da Silva.



conhecimento do inconsciente a partir da experiência vivencial, e de primeira mão que outorga a análise pessoal (Lartigue *et al.*, 2000).

Concordo com o pressuposto de que a transmissão da psicanálise, a formação, a educação e o treinamento joga-se nas complicadas oscilações da transferência e da contra-transferência. Da mesma forma, que a transmissão da psicanálise envolve diferentes componentes: análise didática, a supervisão, os modelos de formação, as capacidades psicanalíticas, as experiências e vivências com o grupo de pares, o sistema de formação, os métodos de avaliação; além da inserção posterior no movimento psicanalítico. A fim de pensar juntos sobre como melhorar e enriquecer a transmissão da psicanálise nas associações psicanalíticas pertencentes à FEPAL, retomo algumas questões anteriormente levantadas (Lartigue, 2008) e outras de recente preocupação

1. Em que países da América Latina o diploma de psicanalista (IPA) tem validade universitária oficial ou na Direção Geral das Profissões (legal), ou reconhecimento ante às Secretarias de Educação Pública e/ou pela Secretariado da Saúde, ou Conselho Profissional? E no caso de existir tal reconhecimento, foi obtido através de estudos de mestrado, doutorado ou especialização na própria associação, ou por convênio com qualquer universidade do país? A respeito, Moguillansky salienta que na Argentina o reconhecimento foi obtido através de " a criação do Instituto Universitário da Saúde Mental (IUSAM) ... que obteve a acreditação da Comissão Nacional de Educação Universitária (CONEAU) em 2006; reconhecimento que também implicou a acreditação da Especialização em Psicanálise"² (p.24). Podemos mudar o paradigma e obter uma certificação nos nossos respectivos países? Garza Guerrero (2004) propõe um modelo educacional universitário, bem como a consolidação de uma base epistemológica, bem fundada, com coerência interna e externa, bem como sistemas externos de acreditação e certificação independentes de privilégios e/ou filiação.

2. Que porcentagem de psicanalistas em cada Associação leciona em universidades públicas e privadas? No caso da APM, a maioria dos fundadores ensinou na Universidad

² Na APdeBA.



Nacional Autónoma de México (UNAM)³, ou na Universidad Iberoamericana. Por exemplo, na faculdade de Psicologia (1963-1966), tive como professores os doutores Francisco González Pineda e Guillermo Montaña; durante o mestrado na UNAM, Santiago Ramírez, Luis Feder e José Cueli, todos eles membros da APM; durante a minha gestão como Directora do Departamento de Psicologia na UIA (1977-1981), convidámos aos Dr. Ramón Parres⁴, Dr. Juan Vives, Dr. Antonio Santamaría e outros colegas. Neste ano 2020, quem, que percentagem de membros estão ligados às universidades?

3. Que percentagem de psicanalistas publica artigos em revistas especializadas, ou capítulos de livros ou livros, quantas citações de psicanalistas latino-americanos são encontradas nos programas de estudo dos seminários? É de notar, contudo, que a pandemia tem causado uma explosão de criatividade, por exemplo, a Revista Peruana de Psicanálise, dedicou o número 25 online à Covid-19 (disponível na íntegra no site da IPA), tal como Cadernos de Psicanálise da APM, só que em papel; as páginas da IPA, FEPAL e sociedades componentes dão conta deste fenómeno.

4. Quantas vezes é necessário atualizar os planos de estudo dos Institutos de Psicanálise? Nas Universidades parece ser de quatro em quatro anos; existe flexibilidade para criar novos seminários opcionais, principalmente para as patologias predominantes neste século? Existe consenso relativamente à formação integrada? Quais são as suas vantagens e desvantagens? Em seminários de técnicas sobre psicanálise de criança e adolescente, são acrescentados os video games (Pokémon, Mario Bros, Plants versus Zombies, entre outros) e as redes sociais como o WhatsApp, facebook, instagram, tiktok Netflixparty? que foram implementados pela Covid-19 (Atri, 2020).

5. Seria conveniente cursar um ou dois seminários sobre pesquisa, durante a formação? Por exemplo, a respeito dos resultados e o processo dos tratamentos psicanalíticos descritos na *Open Door Review I, II, III e IV*. Ou bem, desenhar uma pesquisa que será

³ Ver Dupont (1997).

⁴ Quem foi um dos fundadores da PAM, e foi formado na Universidade de Columbia, Nova Iorque, no final da década de 1940.



continuada pelas diferentes gerações ao longo do tempo, à maneira do Centro Anna Freud em Londres, realizada por Peter Fonagy e Mary Target (1996).

6. Por outro lado, qual é a teoria do conhecimento explícito ou implícito na psicanálise? O que diz sobre a forma como nós, os sujeitos, aprendemos? É unicamente por imitação e identificação? Em que postura ou filosóficas se baseia? Na mesma linha, qual é a nossa cosmovisão de transmissão, ou também chamada educação psicanalítica? A página IPA descreve um quadro comparativo os três modelos de formação: o de Eitingon, o francês e o uruguaio, mas quais são as bases teórico-práticas que suportam ditos modelos? Ou são apenas vicissitudes políticas e/ou de acomotaticias. Além disso, pergunto-me o que aconteceu ao modelo de Thomä e Käechele (1999) na sua concepção alternativa de ensino, tratamento e pesquisa?

7. Quais são as consequências éticas de cada uma destas cosmovisões? Reproduzimos simplesmente as desigualdades que existem nos nossos modelos de governo latino-americanos, as lutas pelo poder, ou aspiramos a uma transformação que promova o direito humano da ética do respeito pelas diferenças? A minha impressão é que persiste em alguns grupos psicanalíticos a necessidade de aderir a uma teoria, posição ou enfoque, que é concebida como a verdadeira ou a única, com a rejeição consecutiva e complementar, e a desqualificação de qualquer outra corrente teórica e/ou ideológica dentro da psicanálise.

8. O autoritarismo persiste na formação? Ainda é aconselhável ler ao respeito o excelente artigo de Maxine González e Fanny Blanck-Cerejido (1998), que remonta ao nascimento da psicanálise em Viena, e a história da análise do analista, passando pelo contexto histórico da América Latina e da Revolução Mexicana.

9. Persiste o maltrato aos analistas em formação? Na pesquisa desenhada por Mary Target (2004) com analistas europeus, os resultados destacaram as experiências individuais traumáticas, que acompanharam a formação; Laverde (1999) na Colômbia se chama "bater em um candidato", na APM nós o chamamos de síndrome do "analista maltratado" que se devem na síndrome do "analista ressentido". Ao que parece, nós latino-americanos partilhamos com os europeus o problema das "alianças familiares" através de laços



transferenciais, a identificação e idealização do analista didáctico, a vulnerabilidade ou fragilidade psíquica de alguns deles, evitando dizer nada de negativo de ninguém por temor à retaliação, bem como recusando-se a avaliar os analistas didácticos nas suas funções.

10. Será que o controlo ou a análise didáctica ainda cumpre as funções para as quais foi desenhada? Mais uma vez cito a pesquisa da Target (2004) "parece existir uma crença implícita de que a análise didáctica ou pessoal não é útil ou eficaz para tratar uma psicopatologia significativa, e inclusive pode ser distorcida ou corrompida por ela mesma". O tratamento psicanalítico é eficaz ou eficiente para os pacientes, mas não para os analistas em formação? Coincido com a pergunta de Leivi (2016) "O que se espera da análise do analista, um fator crucial da formação", recomenda buscar cada vez uma menor presença institucional nas análises de formação.

11. Em relação à formação à distância (Carlino, 2010, 2014), permanecerá na pós-pandemia? Mudaremos a um sistema híbrido? Ou, veremos o retorno aos seminários presenciais de novo? Quais vantagens e desvantagens tem cada uma destas condições? Esta poderia ser um dos temas centrais a ser discutido na próxima reunião de directores de institutos da FEPAL, juntamente com o Comité de Educação do IPA: o que determina que um procedimento é psicanalítico e outros não são? Se entendermos que nem o divã nem as três ou quatro sessões por semana determinam por si só uma psicanálise, em que consiste realmente o processo psicanalítico? Por outro lado, o que aprendemos na pandemia sobre os métodos electrónicos utilizados para realizar tratamentos psicanalíticos não presenciais? Um grupo de peritos da UNESCO já está trabalhando sobre a ética da inteligência artificial. Vamos de acordo com os tempos?⁵

12. Teremos que fazer modificações na técnica para atender a pacientes que sobreviveram à infecção pelo coronavírus, mas com sequelas neurológicas e de outra índole? A iminência da morte invadiu e transformou a realidade psíquica. Penso que a psicanálise

⁵"Os nossos olhos estão abertos para que a inteligência artificial trabalhe a favor e não contra da humanidade", disse Audrey Auzolay, Directora-Geral da UNESCO (Hidalgo, 2020, El País).



terá de estreitar as suas ligações com a neurologia, psiquiatria, a infectologia e a genética, entre outras especialidades da medicina, bem como com as instituições de saúde mental.

13. Quais das propostas em relação à análise didáctica são viáveis? Castañeda *et al.* (2019) - em grupo de sete analistas com funções didácticas - propõem, entre outros: a designação de um tutor aos analistas em formação para os acompanhar no seu processo formativo; para permitir a escolha dos seus seminários; favorecer a criação de grupos de estudo permanentes que sirvam, além disso, como seminários de educação contínua para os analistas da instituição que desejem especializar-se nesse tema. Todas estas propostas me parecem estar à maneira das universidades que têm um currículo flexível e que poderiam enriquecer a formação⁶. Propõem também "implementar um comité alheio à directiva do instituto.... que proponha recomendações perante as situações de conflito, assim como uma forma de avaliação contínua" (pp. 143-144) e o regulamentar (acrescentaria ainda mais) os aspectos éticos e promover espaços de escuta e de abertura; propostas com as quais concordo na sua totalidade.

14. Em relação ao "ponto nodal do debate" que Marcelo Viñar assinalou no passado dia 2 de Outubro no seu discurso, sobre o número de sessões por semana, a considerar ou não, "estar em psicanálise", compartilho a minha experiência com estudantes da CEP - que vão duas vezes por semana e usam o divã - e onde há um processo analítico evidente, onde flui a associação livre, a análise de sonhos, a atenção livre e flutuante, a regressão-progressão e a neurose de transferência se estabelece e é analisada. Concordo que é ideal trabalhar três ou quatro sessões por semana, e por isso é um quesito da formação analítica em um bom número de Institutos de Psicanálise (embora tenha que deixar anotado que existem problemas psicopatológicos em que essa frequência longe de estar indicada é iatrogénica), mas sublinho que essa experiência mencionada de análise de dois ou três anos que aí está como dado empírico, e que, poderia ser considerada equivalente à análise anterior exigida em alguns Institutos para iniciar seminários.

⁶ Principalmente se existisse a possibilidade de seleccionar uma percentagem de seminários com colegas de outras associações membros do IPA.



15. No que diz a respeito das supervisões individuais ou análise de controlo, e tendo em conta que este é um aspecto central da formação psicanalítica em que a teoria se encontra com a práxis, como são avaliadas?, é explorada a estrutura interna? (Labarthe, 2020). Alguns supervisores simplesmente informam que "tudo está bem"; Leivi (2006), considera que se poderia avaliar qual é o lugar que o analista está ocupando em cada processo, ou em cada momento de transferência do mesmo. Será que correríamos o risco de que os analistas em formação, das 250 horas de supervisão individual que são requeridas (pelo menos na APM), escolhessem entre 10 ou 20 por cento desse processo a ser realizado com colegas de outros países? Agora que a pandemia demonstrou a bondade de tais experiências, mostra-se tentador pôr isto à consideração dos Institutos. Por outro lado, os *Working Party* constituem desde minha perspectiva, um complemento ideal das supervisões.

16. Que características são procuradas em um candidato para ser considerado suficientemente competente para se formar como psicanalista? quais são os critérios nos Institutos? como avaliamos os nossos critérios? quais são as diferenças e o seu apoio prático em cada um dos Institutos da FEPAL?

17. Neste 2020, dada esta pandemia, e as que se seguirão, seria prioritário alargar as aplicações da psicanálise ao campo do social, do comunitário, a fim de atender às pessoas vítimas de terremotos, epidemias, caravanas de imigrantes, refugiados e/ou pessoas que vivem em condições de pobreza? No México, Cueli e Biro aplicaram a psicanálise ao desenvolvimento de comunidades urbanas marginalizadas (Lartigue, 2009). Em São Paulo, Holovko e Radvany (2009) realizaram uma intervenção com um grupo de mães, e Haworth (2009) pela sua parte, em Cusco com um grupo de camponesas. O que chama a estas experiências: psicanálise na periferia ou extensões da psicanálise? (Pezo, 2020), tema do próximo congresso online IPA (Psicanálise para além do sofá).

18. Nos Institutos de Psicanálise, são ministrados dentro do Programa de Estudos, seminários sobre temas de COWAP e/ou sobre Estudo de Género e Diversidade Sexual? Quais são os critérios para abordar os polimorfismos sexuais e de género nos nossos Institutos?



Como podem reparar, temos muito trabalho a fazer para continuar o legado de Freud e poder transmitir a sua e a nossa paixão pela psicanálise às gerações que nos seguem.

Para concluir, desejo enfatizar as conquistas obtidas por Olga Varela e pelo seu grupo de trabalho em relação ao trabalho realizado no ILAP, onde não só conseguiu integrar na FEPAL os grupos de Tegucigalpa e San Pedro Sula em Honduras, Equador, Guatemala, Nicarágua, Santa Cruz Bolívia, como também lhes proporcionou uma sensação de união, pertencente, acompanhamento e filiação. Da mesma forma, os sucessos de Cristina Fulco, atual Presidente da FEPAL, e Virginia Ungar, Presidente do IPA, pelo apoio e suporte prestado aos analistas em formação e a todos os psicanalistas, bem como pelo esforço realizado na organização dos webinars que nos acompanharam durante a pandemia, além da produção de guias, brochuras, vídeos, e curtas-metragens que nos têm estado disponíveis durante todo este tempo.

Referências Bibliográficas

Atri, C. (2020). Modificaciones a la técnica en psicoterapia psicoanalítica de niños y adolescentes frente al COVID-19. *Cuadernos de Psicoanálisis*, LIII (1-2).

Carlino, R. (2010). *Psicoanálisis a distancia. Teléfono, videoconferencia, chat, mail*. Buenos Aires: Lumen.

Carlino, R. (2014). Reflexiones actuales sobre el psicoanálisis a distancia. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 18, 173-197.

Castañeda, E., Díaz, M.R., Lazard, P., Mustri, G., Schreck, A., Sicilia de Noriega, N. y

Tame, N. (2018). Reflexiones sobre el análisis didáctico en México. *Cuadernos de Psicoanálisis*, LI (3-4), 134-147.



Dupont, M.A. (1997). *Los fundadores*. México: Asociación Psicoanalítica Mexicana.

Fonagy, P. & Target, M. (1996). Predictors of outcome in child psychoanalysis: A

retrospective study of 763 cases at the Anna Freud Center. *Journal of the American*

Psychoanalytic Association, 44, 27-77.

Garza Guerrero, C. (2004). Impedimentos internos, organizacionales y educacionales del

psicoanálisis: desafíos contemporáneos. *Revista Internacional de Psicoanálisis Aperturas*, no. 16.

González, M. y Cerejido, F. (1998). Autoritarismo en la formación psicoanalítica.

Revista

Latinoamericana de Psicoanálisis, 2 (1), 299-310. Reimpreso En *Sexualidad femenina y psicoanálisis* (pp.185-201). México: Editores de Textos Mexicanos, 2003.

Haworth, E. (2009). Espacio transicional. Transición a la maternidad y vivencia de locura

en un grupo de mujeres de la provincia de canas, cusco. En Lartigue, T y Varela,



O. *Género y Psicoanálisis. Contribuciones contemporáneas* (pp.243-252).

México:

Architectum, COWAP/IPA, 2020.

Hidalgo, M. (2020). La Unesco pone los cimientos de la ‘Declaración Universal de la inteligencia artificial’ Recuperado de [https:// el país.com/ tecnología/2020-09-17/la-](https://el país.com/tecnología/2020-09-17/la-unesco-pone-los-cimientos-de-la-declaración-universal-de-la-inteligencia-artificial.html)

[unesco-pone-los-cimientos-de-la-declaración –universal-de-la-inteligencia-artificial.html](https://el país.com/tecnología/2020-09-17/la-unesco-pone-los-cimientos-de-la-declaración-universal-de-la-inteligencia-artificial.html)

Holovko, C. y Radvany, E. (2009). Prevención de la violencia por medio del rescate de la

función parental en Sao Paulo, Brasil. En En Lartigue, T y Varela, O. *Género y Psicoanálisis. Contribuciones contemporáneas*, (pp. 227-242). México:

Architectum, COWAP/IPA, 2020.

Lartigue T. (1996). El papel de la educación superior en la transmisión de la desigualdad genérica. *Reflexiones y propuestas sobre la educación superior. Seis Ensayos* (pp.101-128). México: Asociación Nacional de Universidades e Institutos de Educación Superior.

Lartigue, T. (2008). Comentario a los trabajos de Mary Target, Anders Zachrisson, Gábor



Szönyi & Anna Danielsson relativo al *Working Party on Psychoanalytic Education*

de la Federación Europea de Psicoanálisis. *Cuadernos de Psicoanálisis* XLI (3-4),

125-131i

Lartigue, T. (2009). Psicocomunidad. Una aplicación del método psicoanalítico al trabajo en comunidades marginadas. En Tanis, B. y Guimaraes, M. *A Psicanálise nas tramas da cidade*, (pp.183-194). Brasil: Casa do Psicólogo.

Lartigue, T., Mendoza, J., Velasco, F. y Vives, J. (2000): Propuesta de un programa alternativo de educación continua para el Instituto de la Asociación Psicoanalítica Mexicana. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis* 4 (1), Tomo II, 367-378.

Labarthe, C. (2020). Nuevos rasgos del encuadre analítico en tiempos de pandemia. *Revista*

Psicoanálisis 25, 37-42.

Leivi, M. (2016). Acerca del malestar en la formación psicoanalítica. *Psicanálise* 18 (2),118-141.

Laverde, S. (1999). ¿Pegan a un candidato? *Revista de la Sociedad Colombiana de Psicoanálisis*, 24 (2), 243-256.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Moguillansky, R. (s/f). Psicoanálisis y Universidad. Ponencia enviada a los integrantes del

panel de FEPAL.

Pezo, M. A. (2020). Psicoanálisis en los extramuros o extensiones del psicoanálisis:

intervenciones en el campo social. *Revista Psicoanálisis* 25,134-143.

Thomä, H. & Käechele, H. (1999). Memorando sobre la reforma de la educación

psicoanalítica. *Newsletter IPA, International Psychoanalysis*, 8 (2), 33-35

Target, M. (2004). A progress report from the working party on psychoanalytic education.

Presentation to a Panel at the IPA Congress, New Orleans, March 2004.